KAREN HORNEY: A MULHER QUE ENFRENTOU FREUD

Por Ma.Angelica Arcoverde

Nasceu em Hamburgo, Alemanha em 1885. Filha de pai norueguês e mãe holandesa. Pai trabalhou na marinha norueguesa e passou a ser comodoro de companhia de navegação na Alemanha, fazendo muitas viagens, se ausentando da família. Era uma família protestante de classe média alta. O pai é descrito como rigoroso e assíduo leitor da Bíblia. Karen fez muitas viagens com ele, conhecendo outras culturas, tendo estado até aqui na América do Sul. Tinha um irmão mais velho que era o preferido da família. Não é descrito qualquer influência deste irmão na vida de Karen. São descritos períodos de depressão de Karen na adolescência. Sua mãe, descrita como livre pensadora, foi de grande influência para que Karen estudasse Medicina, algo pouco comum na época. Casou-se em 1909 aos 24 anos, com Sr.Horney, advogado, portanto ainda frequentando os estudos de medicina. Foi uma das poucas mulheres a se formar médica nos anos 20. Recebeu o diploma médico em 1913, passando os anos seguintes estagiando em Psiquiatria em Berlim e fazendo análise com Karl Abraham e mais tarde com Hans Sachs. Era época da Primeira Guerra. Publicou seus primeiros ensaios em 1917 e em 1923 já era membro docente do Instituto Psicanalítico de Berlim. Neste mesmo ano, publicou uma série de ensaios sobre o feminino: "A Gênese do Complexo de Castração nas Mulheres". Já tinha seu consultório desde 1919 e trabalhava também em Hospital Psiquiátrico. Atendia inclusive pacientes psicóticos. Imagino que este período de sua vida tenha sido bastante trabalhoso pois foi mãe de 3 meninas. Sabemos o peso de duplas jornadas em mães que trabalham, mesmo com todas as possíveis facilidades de uma classe social com mais recursos financeiros.

"...a maternidade representa problema mais vital do que Freud admite".

Era muito criativo e cheio de entusiasmo o clima da juventude nessas duas primeiras décadas do século vinte em Berlim.

Em seus artigos sempre valorizou o contexto cultural, social em casos que descrevia. Acreditava que a cultura era também determinante na origem das neuroses. Talvez por conhecer outros costumes em suas viagens com o pai navegador, percebia como os valores e pressões sociais se modificavam de acordo com o contexto social. Posso acrescentar aí o interesse europeu no início do século 20 pela importância do meio. Imitando Karen em contextualização, posso também imaginar a Europa naquela época, cheia de descobertas e invenções, assim como de pessoas ilustres. Era o fim da era vitoriana, berço de Freud, e início do iluminismo, onde a ciência já se interessava por metodologias menos deterministas; os casos não eram mais vistos isoladamente mas contextualizados. Uma explosão cultural muito voltada para a exploração de costumes, valores e relações diferentes. Nossa autora recebia influências não apenas da Psicanálise; Darwin, G.Simmel filósofo, Ferenczi e mais tarde M. Mead e Erich From. Conhecendo outras tribos, imagino que Karen cotejava culturas e sua relação com a Psicanálise, percebendo como Édipo, teoria de libido, diferenças de gênero, eram próprios da sociedade ocidental européia.

"*A psicanálise é criação do gênio masculino, e quase todos os que desenvolveram suas ideias eram homens. É justo que eles elaborem com mais facilidade uma psicologia masculina e que compreendam melhor o desenvolvimento dos homens do que o das mulheres." (1926)*

Sendo assim, acreditava que a origem das neuroses não vinha apenas de um conflito resultante do Édipo. Mostrava haver uma ansiedade básica própria do humano, composta também por pressões socio culturais. Pensava o desenvolvimento psicológico de forma mais dinâmica. O que, por exemplo, na época a comunidade psicanalítica chamava de resistência, para Horney eram bloqueios impedidores de um desenvolvimento melhor.

Considerava que o desenvolvimento psicológico e sexual das meninas não havia sido compreendido por Freud. Para ela os homens ficavam amedrontados com os mistérios da maternidade e tinham necessidade de oprimir e até demonizar as mulheres. Via na repressão às mulheres uma inveja e um temor em relação à maternidade. A inveja do pênis, para ela, era anatômica mas ocorrendo apenas na pequena infância. Uma inveja primária que inclusive servia de força motriz para o

desenvolvimento das meninas. Marcava a maternidade como motivo do temor e repressão às mulheres e não acreditava que a menina sonhava/fantasiava um filho do pai no sentido de obter um lugar, um poder.

Acredito que o fato de ter interesse e conhecer outras culturas, provocou em Karen questionamentos a respeito do Édipo como descrito por Freud. Via nos meninos um temor em relação à maternidade, que assim caracterizava uma castração. Esta reforçada em seguida pela pequena dimensão de seu pênis, frente ao poder da mãe ao tentar em sua fantasia a penetrá-la. Nas meninas via a castração através do medo de ser penetrada, machucada diante das dimensões do pai.

A respeito da negação da vagina, desconhecida para a menina segundo Freud, Horney mostra como esse desconhecimento vinha favorecer a desqualificação do feminino frente ao masculino. Ressalta, como pôde constatar na clínica, que a menina tem memória inconsciente de sua vagina. Acrescenta como esta afirmação está a favor do prazer masturbatório apenas através do clitóris, pois na comparação anatômica perde para o pênis, deixando a menina castrada, sofrendo pressões sobre sua condição inferior de falta. Comentava que também os meninos por vezes brincam de ter seios, como as meninas brincam de urinar em pé. Concluía que ambos os gêneros se invejavam mutuamente.

Como muitos, deixou a Alemanha em 1932 em resposta a um convite de Franz Alexander para trabalhar em Los Angeles. Karen não tinha interesse por política e parece que sua saída da Alemanha não tinha ligação com o que acontecia lá. No entanto apoiava movimentos liberais.

"...os princípios democráticos, em nítido contraste com a ideologia fascista, preservam a independência e a força do indivíduo, assegurando-lhe o direito à felicidade" (1941)

É interessante observar que sua ida aos Estados Unidos coincide com a época de seu divórcio (1937). Suas 3 filhas já deviam ser adultas, e Karen tinha 57 anos. Pioneira também neste ato, ainda mais pela sua idade. Observei também que os artigos sobre o feminino eram em sua maioria de 1933, onde já percebi artigos questionando casamento e "A necessidade neurótica de amor" – título de um de seus artigos. O seu livro "Psicologia Feminina" contém a maioria de artigos desta época. Os

motivos do divórcio são descritos como abandono do matrimônio frente à sua dedicação ao seu trabalho, à Psicanálise. Posso imaginar como devia ser árduo ser mãe, esposa, Psicanalista e Psiquiatra e ainda escrever e estudar. Acredito também que sua migração para a América em muito deve ter acentuado suas atitudes feministas.

Ficou em Chicago por 2 anos, tendo feito parte do Instituto Psicanalítico de Chicago como diretora adjunta. Por desentendimentos com F. Alexander mudou-se para Nova York onde também fez parte como docente do Instituto de Psicanálise até 1941, quando também teve discordâncias e foi expulsa. Sempre expulsões e desentendimentos aconteciam, posso imaginar, por conta de suas atitudes feministas se contrapondo às posições vitorianas de Freud. Fundou então, com colegas, a Associação para o Progresso da Psicanálise, e o Instituto Americano de Psicanálise.

Karen Horney faleceu em 1952, aos 67 anos, relativamente nova para o tanto que escreveu e trabalhou pela Psicanálise. Sua obra é descrita por Franz Alexander como "clara nas ideias que mostra" e na época abriu a Psicanálise para outros saberes como a Antropologia e a Filosofia. Foi talvez a primeira mulher a enfrentar Freud em suas ideias sobre a psicossexualidade feminina. Ao contrário de outras psicanalistas da época defendia posição contra o masoquismo feminino. Não via na psicologia feminina um estudo a partir da psicologia masculina; questionava a visão de Freud cuja teoria da libido tinha o menino como ponto de partida.

A título de ilustração sobre a questão do contexto cultural:

Dr. Bose, psicanalista indiano escreveu a Freud informando que seus clientes homens não tinham sinais de castração tão evidentes como os europeus:

"*O desejo de ser mulher é mais facilmente revelado nos pacientes indianos do sexo masculino do que nos europeus. A mãe edipiana é quase sempre uma imagem de pais unificados."*

Outro ponto importante sobre a Psicanálise como terapia, levantado por ela, foi a confiança nas experiências de vida como elemento por si só de elaboração de conflitos. Esta posição existencialista também fazia diferença entre os Psicanalistas de então. Sua sabedoria não limitava

à Psicanálise o alívio do sofrimento humano. Certamente uma posição mais otimista.

Levantei 11 livros publicados por Karen. Leitura agradável e simples com linguagem popular. É tida como a primeira mulher a enfrentar Freud. Certamente pioneira.

Março de 2021